
UM ESTUDO DO GÊNERO CRÔNICA: PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS

José Fernando Cursino, Rosália Maria Netto Prados

RESUMO: Este trabalho trata, à luz da Semiótica, de uma leitura da crônica, sob uma perspectiva interdisciplinar, para um estudo mais aprofundado de seus efeitos de sentido e discursos na sala de aula. Por conseguinte, o nosso propósito, é apresentar respostas considerando os questionamentos sobre a leitura do gênero e assegurar, para o aluno nas aulas de Língua Portuguesa, que a crônica não é apenas um texto curto, de linguagem "digestiva", desprendida nas folhas dos jornais ou das revistas, mas um texto denso e significativo. Trata-se, sobretudo, de uma criação poético-literária que permite ao autor externar em poucos parágrafos, além de toda sua criatividade, também manifestar sua visão de mundo e suas ideologias. Este trabalho tem por objetivos estudar e compreender a narrativa do discurso manifestado, percursos dos sujeitos e as relações interdiscursivas que perpassam as diferentes linguagens da crônica, bem como a linguagem literária, para uma reflexão sobre os processos de leitura. Para esta análise, foram selecionados trechos da crônica, *A Roda*, de Moacir Scliar, publicado em 06 de fevereiro de 2006, na Folha de São Paulo. A metodologia deste trabalho fundamenta-se na teoria semiótica greimasiana, na análise das etapas do percurso do sentido dos discursos, a narrativa, a discursiva e a semântica profunda. Esta análise permite a reconstrução do processo discursivo da crônica e de valores do contexto sociocultural brasileiro.

Palavras-Chave: Crônica, discurso, leitura semiótica.

ABSTRACT: *This paper, in the light of Semiotics, is about the reading of a chronicle, under an interdisciplinary perspective, for a more detailed study of its effects of sense and discourses in the classroom. Therefore, our purpose is to present answers considering the questionings of this genre reading and assure, to the students in Portuguese classes, that a chronicle is not only a short text, of digestive language, taken from the pages of newspapers or magazines, but a dense and meaningful text. It is, mainly, about the poetical-literary creation that allows the author to exteriorize in a few paragraphs, besides all his creativity, the way he sees the world and his ideologies. This work has the objective of studying and understanding the manifested discourse narration, the exploration of the subjects and the interdiscursive relations present in the different languages of the chronicle, as well as the literary language, for a reflexion on the reading process. For this analysis, parts of the chronicle of Moacir Scliar, *A Roda*, were selected. This chronicle was published in the newspaper *Folha de São Paulo*, on February 6, 2006. The methodology is based on the Greimasian semiotics theory, in the analysis of the course of meaning of discourses, the narrative, the discursive and deep semantics. This analysis allows the reconstruction of the discursive process of the chronicle and values of the Brazilian cultural context.*

Key words: *Chronicle, discourse, Semiotic reading.*

1. Introdução

Trazer para as salas de aula a crônica como uma ferramenta pedagógica no auxílio da aprendizagem, com a finalidade da produção e de leitura de textos em Língua Portuguesa, parece, em um primeiro momento, uma estratégia no mínimo desafiadora. Talvez, isso ocorra pelo fato de parte dos orientadores considerarem a crônica um gênero de difícil compreensão para o educando, que não consegue determinar suas bases estruturais, em razão, quem sabe, das dificuldades de defini-la em uma categoria das superestruturas. A nosso ver, entretanto, a principal agravante incide na formulação de atividades que desestimulam e distanciam o aluno das inúmeras possibilidades oferecidas pela crônica como auxiliadora no processo de aperfeiçoamento da aquisição dos princípios básicos da leitura e produção textuais.

Pelos motivos apresentados, este estudo trata, à luz da Semiótica, do gênero discursivo crônica em sala de aula, sempre mantendo o foco sob uma perspectiva interdisciplinar. Esta pesquisa trata de uma leitura semiótica desse gênero, para o conhecimento dos discursos e valores subjacentes à leitura, no aprendizado da língua materna, para um estudo mais rigoroso do percurso do sentido da crônica, na produção discursiva e prática de leitura.

O estudo das linguagens da crônica, bem como dos discursos que se manifestam nesses textos, é relevante para uma reflexão sobre o ensino da língua materna, segundo um olhar interdisciplinar que, traduzido para um conceito mais abrangente e atual, diz respeito à troca de conhecimentos entre as disciplinas.

Num primeiro momento, nosso olhar se dirige ao produto resultante de um processo discursivo do gênero crônica e às funções da linguagem. Depois, voltamo-nos para a manifestação discursiva em que serão analisadas a intertextualidade e etapas do discurso, segundo a metodologia semiótica greimasiana.

2. Da leitura da crônica

A crônica no Brasil, ao contrário de outros países, ganhou forma e conteúdo originais. Nas últimas décadas a crônica se notabilizou em registrar o circunstancial, numa linguagem que transita entre a jornalística e a literária. No seu primórdio, grandes escritores, em textos metalinguísticos, discutiram as dificuldades apresentadas pelo gênero crônica; qual sua função social e valor literário, o que seria na verdade uma crônica, qual assunto a ser tratar e até mesmo a falta de assunto.

Talvez, em menor escala, isto deva ocorrer com o discente ao encarar a sua frente uma folha em branco esperando ser preenchida com uma idéia que ele (a) não consegue engendrar claramente, ou colocá-la no papel. Segundo a etimologia da palavra metalinguagem, que, de acordo com Ceia (2009), é formada com o prefixo grego meta e expressa as idéias de comunidade, a participação, mistura ou intermediação e sucessão, a palavra designa a linguagem que debruça sobre si. O étimo "meta" carrega consigo toda uma carga de elementos atuais, desmembrados em teorias e conceitos que se pretendem renovadores como constitutivos da interdisciplinaridade.

Segundo Chalhoub (1989), "diferentes mensagens veiculam significações a mais diversas, mostrando na sua marca e traço, no seu efeito, o seu modo de funcionar". Isto significa que tal funcionamento tem a finalidade transmitir, pois do processo comunicacional, participam: um *emissor* que envia a mensagem a um *receptor*, usando um determinado *código* referente a um contexto em particular. O canal é o suporte físico para a passagem da emissão-recepção. Eis, resumidamente, o sustentáculo do modelo de comunicação: emissor, receptor, canal, código, referente, mensagem. Ao atribuímos sentido a um objeto, procurando interpretá-lo no processo comunicativo, o que determina a mensagem, também determina a sua função: a função de linguagem que marca a informação. Quando a ênfase no fator da função da linguagem recai sobre o referente temos a função referencial; se recair sobre o emissor temos então a função emotiva; no receptor a função conativa; no canal a função fática; no caso da mensagem a função poética; por fim, ocorrendo no código temos a função metalinguística. Esta que particularmente nos interessa, e de forma geral "implica que a seleção operada no código combine elementos

que retornam ao próprio código" (1989). Em outras palavras, a preocupação do emissor está voltada para o próprio código utilizado.

Um exemplo clássico é o dicionário, em que os vocábulos e termos específicos são definidos com seus respectivos significados por meio de palavras. No cinema, quando uma película retrata o universo envolvente da produção de um filme -o *filme no filme* -também temos a metalinguagem como "A Noite Americana" de François Truffaut de 1973, ou mais recente "Saneamento Básico" de Jorge Furtado de 2007. Em se tratando de Literatura, a metalinguagem torna-se presente, quando uma obra perscruta a ação criativa, a complexidade de seu material, sua argamassa por assim dizer- a palavra - o seu conflito, a dificuldade laboriosa do ato de escrever. Para Chalhub (1989) a palavra que é do domínio de todos, no poema, no romance ou na crônica, necessita ser singular para transpor as fronteiras de sua natureza de signo: "são temas metalinguísticos na órbita do criador emissor".

A abordagem metalingüística, aos moldes dos cronistas, seria um instrumento didático a se considerar. O estudante relataria em forma de crônicas suas dúvidas na elaboração dos vários tipos de textos exigidos em situações concretas do cotidiano escolar. Tal procedimento formalizaria um quadro analítico e individual da classe ao especificar suas generalidades e idiosincrasias. Cabe, nessa situação, ao professor elaborar estratégias de acordo com as necessidades e as disponibilidades no âmbito de um trabalho conjuntivo e interdisciplinar.

Adquirida a competência de elaborar textos a partir de sua vivência como *sujeito histórico* o aluno estará apto a superar suas barreiras físicas e cognitivas e a perceber o diálogo entre os diversos gêneros com os quais nos deparamos no cotidiano escolar e ao interagirmos socialmente.

Conforme postula Fiorin (1994), ao descrever a vida do mundo e das trocas simbólicas em que nada é inteiramente superado e esgotado, pois um símbolo pode ser revestido com novos significados, remete-nos ao conceito de intertexto, isto é, a

incorporação a um texto qualquer do discurso de outrem e dos fatores externos a sua elaboração. Há, por conseguinte, três tipos de intertextualidade: a *estilização*, que se configura na reprodução do conjunto de procedimentos do discurso de outrem; a *alusão*, que consiste na reprodução de construções sintáticas em que certas figuras são substituídas por outras, mas todas relacionadas entre si; e por último a *citação*, que pode confirmar ou alterar o sentido do texto citado por meio de elementos em comum.

Na Literatura, a intertextualidade se constitui pelo processo de sobreposição de vários textos pertencentes ao acervo artístico de um povo. Esta característica nos leva a perceber indícios recorrentes, facilitando, de certo modo, o entendimento e a intencionalidade contidos na mensagem, vinculada historicamente a outros objetos e obras presentes na cultura.

No que diz respeito especificamente à nossa proposta, o poema em prosa de Mário Quintana (2008, p. 126) *Crônica*, faz uso da alusão ao discutir se o poema, enquanto obra literária, não seria também uma espécie de crônica, pois revela no seu processo constitutivo uma relação intertextual subjacente, no qual reproduz construções temáticas e figurativas, que embora possam ser substituídas, são comuns aos dois gêneros textuais: "Ah, essas pequenas coisas, tão cotidianas, tão prosaicas às vezes, de que se compõe meticulosamente a tessitura de um poema...talvez a poesia não passe de um gênero de crônica, apenas: uma espécie de crônica da eternidade".

Por outro lado, os versos da letra da música de Noel Rosa, *Palpite Infeliz* (1935), "A Vila não quer abafar ninguém, só quer mostrar que faz samba também", são empregados por Joaquim Ferreira dos Santos, na introdução do seu livro *As cem melhores Crônicas Brasileiras* (2005, p.13) da seguinte forma: "A crônica não quer abafar ninguém, só quer mostrar que faz literatura também". Nesse caso, temos a citação, uma vez que Joaquim faz referência literal aos versos de Noel, mantendo alguns de seus elementos e confirmando o sentido do texto citado.

Em *Ai de ti, Copacabana!* Rubem Braga (1981) reproduz em sua crônica os procedimentos dos discursos Bíblicos para provocar determinado efeito no leitor. Logo no início do primeiro parágrafo a expressão *AI DE TI* está grafada em letras maiúsculas, marcando o tom repreensivo que percorrerá todo o seu discurso. Depois observamos: todos os parágrafos numerados como fossem versículos; a incidência de verbos no futuro do indicativo, o que atribui às frases um caráter imperativo e profético; elementos sintáticos e lexicais dos textos sagrados; o uso da segunda pessoa. Todos esses recursos convergem para o que Fiorin (1994) considera outro tipo de intertextualidade, a estilização.

Segundo o autor (Braga, 1981):

1. AI DE TI, Copacabana, porque eu já fiz o sinal bem claro de que é chegada a véspera de teu dia. E tu não viste; porém minha voz te abalará até as entranhas. 2. Ai de ti, Copacabana, porque a ti chamaram Princesa do Mar, e cingiram tua fronte com uma coroa de mentiras; e deste risadas ébrias e vãs no seio da noite...

Na sala de aula seria possível desenvolver uma série de atividades relacionadas ao conceito de intertextualidade. Numa primeira etapa, poderíamos solicitar ao estudante escolher uma determinada crônica, que lhe despertasse maior interesse, e utilizá-la como paradigma de algumas de suas produções. Num segundo, permitir ao aluno tomar contato com escritos de autores consagrados no gênero. Depois, ele deverá fazer referências e/ou citações de certas partes dos textos mais conhecidos a fim de que estes lhe sirvam de mote, um ponto de partida, para sustentar seus argumentos sobre um dado tema, numa crônica dissertativa e/ou humorística. Os alunos também poderiam selecionar um cronista e, após a leitura de seus trabalhos, seguir-lhe os procedimentos discursivos.

3. O auxílio da “Internet”.

Estas sugestões não são um fim em si mesmo. Ao contrário, pleiteiam um processo aberto e não amarrado a fórmulas estáticas. No mundo globalizado da informática, as atividades com a crônica poderiam contribuir com a inclusão digital. A classe, sob a

orientação de um professor, utilizaria a sala de informática (no caso da escola dispor de uma) para criar um “Blog”, que poderia ter o nome “A crônica nossa de cada dia” no qual a turma publicaria seus trabalhos, discutiria sobre novas idéias, comentaria com os colegas as dificuldades encontradas para finalizar determinada parte de seu texto, etc. Esta seria uma atividade extraclasse, que permitiria ao aluno, em qualquer lugar que ele estivesse, uma “Lan house”, sua casa, manter contato com os estudos e a interagir com colegas e professores por meio das facilidades oferecidas pela “Internet”.

4. Crônica: uma leitura semiótica

É de grande importância a contribuição da Semiótica, ciência cuja abordagem recente trata da captura do sentido enquanto dimensão provada do ser no mundo, ou seja, o sentido em situação ou em ato, construído no momento da interação. De acordo com essa fundamentação, propomos um estudo "saber sobre o mundo", pela leitura da crônica, a fim de possibilitar uma maior compreensão dos sistemas de valores no contexto sociocultural.

A Semiótica é a ciência que estuda a significação, já que, a transmissão, conservação, transformação e aprendizagem da cultura realizam-se através das "práticas sociais" que, por sua vez, organizam-se segundo "sistemas de signos" e processos discursivos. Segundo Lopes (1993, p. 16), a Semiótica estuda a "realidade cultural" de uma comunidade, pois uma língua não é apenas uma nomenclatura - correspondência unívoca entre nome e coisa - a palavra pertence a um *sistema de relações* e sua única realidade significante provém das delimitações que lhe impõe a existência daquele sistema. Segundo Pais (1997, p. 237), *saber e significação* articulam-se no processo de produção discursiva refletindo *o sistema de valores* de uma comunidade.

Um discurso, segundo Pais (1993), é decorrente dos discursos que o precederam e a produção de um discurso específico só ocorre quando são utilizados os signos e as leis combinatórias que pertencem aos demais membros de determinado grupo, já que a experiência individual, em sua alta especificidade, é única e intraduzível e só será inteligível aos outros apenas quando traduzida em termos do "consenso" desse grupo.

Para Bakhtin (1988), a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem mesmo pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas sim pelo fato social da interação verbal, realizada por meio da enunciação, *ou enunciações*. Para ele, a interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua.

Dessa maneira, a partir das contribuições de Bakhtin, observa-se que entre a Língua (sistema - universo simbólico) e a Fala (uso propriamente dito desse universo simbólico) está o Discurso (nível situado fora do pólo da dicotomia: língua e fala). E a linguagem, enquanto discurso, é interação (PRADOS, 2008).

No gênero Crônica, manifestam-se num discurso literário, outros discursos em que se atualizam valores do contexto sociocultural, como por exemplo, apresenta-se a interdiscursividade literatura/jornalismo na crônica de Scliar, *A Roda*, texto publicado na Folha de São Paulo, na semana seguinte após divulgado na imprensa o fato de uma criança ter sido abandonada num lago, nas imediações de Belo Horizonte.

Nesse texto, a personagem *Ele*, aos quarenta anos, descobre que foi abandonado e chora pelos pais. A partir de então procura (re)significar sua existência, manda construir uma grande roda, tal a roda dos expostos, que todos os anos é montada na porta principal de sua mansão, que gira, por onde ele passa e entra, então os familiares cantam o parabéns a você: "...pensa no momento que a roda está girando, transportando-o do exterior para o interior, do abandono para o acolhimento. Dura poucos segundos, este intervalo, e nem há tempo para refletir muito. Mas é então, certamente, que ele descobre os segredos de sua vida".

O ator, nesse caso o lexema *Ele*, apresenta um semema, ou seja, efeitos de sentido, decorrente de atribuições e ações como, sofre quando sabe que foi abandonado, chora, descobre os segredos de sua vida, etc. Na narrativa desse discurso, um sujeito do *querer* o objeto de valor *(re)significar sua vida*, é instaurado por um destinador, que aparece por

meio da revelação do fato de ter sido abandonado. Na estrutura discursiva, esse mesmo ator pode acumular outros papéis actanciais na estrutura narrativa, a partir de outras leituras.

A estrutura narrativa passa a receber um investimento semântico de superfície: na ordem lógica e formal da narratividade são projetadas a visão do enunciador, a temporalização, por meio de marcadores temporais e a espacialização, por meio de marcadores espaciais para produzir efeitos de sentido de verdade ou verossimilhança. O observador pode estar implícito, reconhecível somente pela análise, por exemplo, "um acontecimento" é uma "ação" considerada do ponto de vista de um observador, ele pode, também, manifestar-se pela indicação de um posto de observação, pode, ainda, ser instalado no texto a partir de uma expressão enunciativa singular.

Esses traços demonstram as relações existentes entre o sujeito do discurso e os universos perceptivos, cognitivos e afetivos, que o enunciador revela em seu discurso. Há toda uma organização discursiva que permite passar-se de uma metáfora a outra e o efeito de sentido provém desse arranjo, mas não isoladamente, resulta de sua disposição no todo.

As emoções não são propriedades exclusivas dos sujeitos (ou do sujeito), mas são propriedades do discurso inteiro. O *sentir* se oferece como uma maneira de ser natural graças à eliminação da racionalidade; é a prioridade do direito do "sensitivo" com relação ao "cognitivo", ou inversamente.

Os efeitos de sentido, então, são produzidos na transformação de um sujeito e suas relações no espaço passional; sujeito do *poder-fazer* - "poder de agir do corpo" para o sujeito do *poder-saber* - "poder de pensar do espírito". É o efeito de uma dimensão cognitiva perturbada por uma dimensão pragmática (PRADOS, 2008, p. 47-87)

4. Conclusão

O estudo das etapas dos discursos, segundo a Semiótica, tornou possível a reconstrução do sentido no discurso manifestado na crônica, que produzem os efeitos de sentido da sedução literária. Portanto, ao aprofundarmos o estudo da leitura da crônica em

sala de aula, não só aproveitamos um recurso que atende à necessidade de um trabalho mais significativo de competências e habilidades em sujeitos capazes de se inserir na sociedade globalizada e de transpor as barreiras de um mundo diversificado, complexo, inconstante, que na maioria das vezes promove a segregação ao mesmo tempo em que homogeneiza o ser humano, mas também seguir a Proposta Curricular do Estado de São Paulo na área de Linguagens Códigos e suas Tecnologias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo E filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BARROS, Diana L., FIORIN, José L. **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade em torno de Bakhtin**. 1ª ed. São Paulo: Edusp, 1994.
- BERTRAND, Dénis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: Edusc, 2003
- BRAGA, Rubem. **AI DE TI, Copacabana!** 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981.
- CHALHUB, Samira. **Funções de Linguagem**- séries Princípio- São Paulo: editora Ática, 1989.
- LOPES, E. **Fundamentos da Linguística contemporânea**. São Paulo, Cultrix, 1993.
- PAIS, C.T. **Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive**. Thèse de Doctorat d'État ès-Lettres et Sciences Humaines. Paris, Université de Paris-Sorbonne/Lille, Atelier National de Reproduction des Thèses, 1993.
- _____. "Conceptualização, denominação, designação: relações" In: **Revista Brasileira de Lingüística**. V. 9 . São Paulo: Plêiade, p. 221-240, 1997.
- PRADOS, R.M.N. **A temática da cidadania na imprensa escrita de São Paulo: análise lexical e sociossemiótica**. Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, Área de Lingüística Geral e Semiótica do Departamento de Lingüística. Tomo I, II e III. USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- _____. Linguagens e construção do sentido: os universos discursivos literários e as paixões. In MELO, Eliana Meneses; PRADOS, Rosália Maria Netto; GARCIA, Wilton. **Linguagens, Tecnologias, Culturas: discursos contemporâneos**. São Paulo: Factash Editora, 2008, p. 47-89.
- QUINTANA, Mário. **80 anos de poesia**. 2ª ed. São Paulo: Editora Globo, 2008.

ROSA, Noel. **Palpite Infeliz**. CD Mestres da MPB: Noel Rosa e Aracy de Almeida. 2ª ed. Faixa 02. Gravadora Continental.

CEIA, Carlos, coord. **E-Dicionário de termos Literários**. <http://www.fcsh.unl.pt/edtl>. 2009.